



O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS PELOS MUSEUS – COMENTÁRIO AOS RESULTADOS GLOBAIS DE UM ESTUDO DE PÚBLICOS REALIZADO EM SETE MUSEUS NACIONAIS EM PORTUGAL

Leonor Amaral
Universidade do Porto

Resumo

Enquanto instituições sociais, os museus desenvolvem uma ação de proximidade com o ambiente que os rodeia. Operando numa lógica de diálogo direto com as necessidades e interesses dos seus participantes, estas instituições representam um reflexo dos ambientes sociais, culturais, económicos, tecnológicos e políticos nos quais se inserem. Como consequência, no seu espaço coabitam noções que, por vezes conflitantes, sustentam os conceitos de tradição, transição e mudança.

Deste modo, no contexto da sua história recente, os museus têm sido progressivamente marcados por um ambiente epistemológico e operativo sustentado no uso transversal das tecnologias digitais. A postura que estas instituições adotam face a estas ferramentas, encontra, de um modo geral, reflexos na relação que estabelecem com a sociedade contemporânea. Deste ponto de vista, analisar os impactos sociais do uso das tecnologias digitais pelos museus significa compreender de que forma estas tecnologias podem ou não favorecer a relação que os museus estabelecem com os seus públicos.

Assim, procurando apresentar um comentário aos resultados de um estudo de públicos realizado em sete Museus Nacionais em Portugal, esta reflexão visa contribuir para o debate sobre papel do digital na potenciação da comunicação dos museus e da sua perceção junto da sociedade.

Palavras-Chave: Museus; Museologia; Comunicação; Tecnologias Digitais; Estudos Sociais

THE USE OF DIGITAL TECHNOLOGIES BY MUSEUMS – COMMENTARY ON THE RESULTS OF AN AUDIENCE RESEARCH CONDUCTED IN SEVEN NATIONAL MUSEUMS IN PORTUGAL

Leonor Amaral
Universidade do Porto

Abstract

As social institutions, museums develop a proximity action with the environment that surrounds them. Operating in a logic of direct dialogue with the needs and interests of their participants, these institutions represent a reflection of the social, cultural, economic, technological, and political environments in which they operate. As a consequence, in its space coexist notions that, sometimes conflicting, sustain the concepts of tradition, transition and change.

Thus, in the context of their recent history, museums have been progressively marked by an epistemological and operational environment sustained by the transversal use of digital technologies. The attitude that these institutions adopt towards these tools is, in general, reflected in the relationship they establish with contemporary society. From this point of view, analyzing the social impacts of the use of digital technologies by museums means understanding how these technologies may or may not favor the relationship that museums establish with their audiences.

Thus, seeking to present a comment on the results of an audience research carried out in seven National Museums in Portugal, this reflection aims to contribute to the debate on the role of digital in enhancing the communication of museums and their perception in society.

Keywords: Museums; Museology; Communication; Digital Technologies; Social Studies

Nota Introdutória

Enquanto símbolos de identidade, esferas públicas do conhecimento, extensões materiais e imateriais do poder, os museus contêm na sua génese um propósito muito próprio e irrevogável de serviço à sociedade. No passado, este propósito, sublinhado a partir da concetualização da responsabilidade social dos museus, foi-se desenvolvendo numa lógica de resposta às constantes transformações da sociedade contemporânea.

Operando num ambiente epistemológico onde as modalidades de acesso, produção, distribuição e compreensão do conhecimento se relacionam cada vez mais com o uso das tecnologias digitais (Rodríguez-Ortega, 2018, p.1), hoje estas instituições encontram um cenário onde o cumprimento das suas missões induz ao diálogo direto com as necessidades e interesses da sociedade. Neste quadro, o desenvolvimento vertiginoso da tecnologia e a maior sofisticação do mercado cultural, acompanhados de uma constante renovação dos gostos e critérios da sociedade hodierna, têm feito com que o desempenho de uma função social por parte dos museus se traduza, se quisermos, no seu mais complexo e intrincado desafio.

E se, durante décadas encontrámos uma definição exímia acerca dos trâmites formais nos quais estas instituições deveriam atuar, nomeadamente apoiados sobre um propósito civilizacional, hoje o alargamento e a transversalidade das suas áreas de atuação social demonstram-se representativos de uma longa e progressiva mudança estrutural. Do ponto de vista da sua história recente, reconhece-se nos movimentos de renovação da instituição museológica a partir dos anos 1960 (em duas vertentes, francófona e anglo-saxónica) (Duarte, 2013, p.100) e no abandono de um modelo de conhecimento assente no paradigma positivista já na década de 1980, dois momentos-chave para a consolidação desta mudança.

Em consequência, em finais do século XX, observou-se um movimento social de apelo ao abandono da postura doutrinária e elitista dos museus e de reivindicação por um papel mais ativo destes organismos na vida daqueles que os rodeavam. Neste contexto, à medida que tais ideias se foram

consolidando, as instituições museológicas foram encontrando um cenário operativo no qual, cada vez mais, o questionamento à soberania do seu conhecimento e práticas se fez insurgir. As dimensões sociais e políticas dos museus tornaram-se, assim, objeto de análise crítica e é, deste ponto de vista, que se desenvolve a ideia de que *ao museu e às suas práticas não pode ser concedido o privilégio da neutralidade* (Duarte, 1998, p.133). Estas transformações, inseridas num quadro alargado de acontecimentos sociais, culturais, económicos, tecnológicos e políticos dialogantes entre si, marcaram a paisagem conceptual e epistemológica dos museus na sua transição para o século XXI.

Por sua vez, no contexto de um passado recente marcado pela pandemia da COVID-19, pela resultante reconfiguração das características fundamentais das relações interpessoais, familiares e profissionais, bem como pela impossibilidade alargada da experiência física do mundo “externo”, os museus foram confrontados com um cenário operativo extremo – o cumprimento das suas missões à distância, na forma de trabalho remoto. Sob estas condições, nos anos de 2020 e 2021 evidenciaram-se fragilidades ao nível do planeamento estratégico e planeamento de contingência (ou falta de) dos museus, tendo-se igualmente promovido a sua célere adaptação a uma “nova realidade”¹, onde o digital e as novas tecnologias assumem um papel preponderante.

Se, em alguns casos, a avalanche de ferramentas e soluções digitais não representou uma novidade, a verdade é que para muitas destas instituições, a familiaridade com os universos tecnológico e digital demonstrou-se, no início de 2020, precária. As instituições e organizações dos diversos ramos da sociedade não se encontravam, em larga escala, de igual forma preparadas, equipadas, ou totalmente confortáveis para operar num registo

1 Servem as aspas para demonstrar a relutância face à aceitação plena da frequente atribuição do conceito de novidade a um processo que se vem a desenvolver por largas décadas, reconhecendo assim o caráter no mínimo contraditório desta expressão, mas que ainda assim poderá encontrar aplicabilidade dadas as circunstâncias enunciadas no início do parágrafo.

exclusivamente *online*. E é, deste ponto de vista, necessário entender que a natureza estrutural e conceptual de muitos destes organismos não se mostrara, durante toda a sua existência, compatível com modelos operativos assentes em exclusivo num ambiente digital e remoto.

Neste quadro, enquanto lugares de interação social, com uma componente física elementar do ponto de vista da sua conceção e experiência, os museus viram-se a braços dados com o seu pior pesadelo – o encerramento forçado e, de uma forma mais ou menos generalizada, o sentimento de parco investimento e fraca organização no que concerne à sua dimensão digital. Contudo, durante este período, a sua procura pela manutenção de um serviço à sociedade demonstrou a capacidade de adaptação e ressurgimento das instituições museológicas.

Um as vezes mais bem-sucedidos do que outras, os museus foram-se adaptando a um *modus operandi* que não tardou a retornar a um formato muito similar ao praticado antes de 2020. De portas abertas, e com uma nova familiaridade em relação ao uso de ferramentas e à atuação em universos digitais, em 2022 os museus já se poderiam questionar – e agora, que lugar ocupará o digital no quadro, na programação, nas ligações e na ação destas instituições?

É à luz destas questões que se encontra a ser desenvolvido, no âmbito de um projeto de investigação² de Doutoramento em Estudos do Património, variante de Museologia, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, um estudo intitulado *Os Impactos Sociais da Pandemia na Gestão de Museus. O processo de transformação digital sustentável dos Museus Nacionais em Portugal*³. Com o objetivo de desenvolver uma abordagem exploratória sobre o impacto e a importância atribuída à comunicação digital dos museus, esta investigação foca-se sobre as consequências

sociais da utilização das tecnologias digitais por parte de instituições museológicas.

Neste contexto, o presente artigo visa apresentar os resultados de uma etapa concluída deste estudo em curso, referente à realização de um conjunto de inquéritos por questionário entre os meses de Abril e Junho de 2022 aos visitantes de sete⁴ Museus Nacionais em Portugal. Com a partilha destes resultados procura-se refletir, essencialmente, sobre os impactos da comunicação digital na perceção pública sobre a instituição do “Museu”, assim como, na possibilidade de se analisar o digital enquanto ferramenta de acessibilidade e sustentabilidade institucional dos museus no futuro.

Estrutura Metodológica

No sentido de planear o trabalho de terreno previsto no âmbito do projeto de investigação supra-mencionado, questões e hipóteses de partida constituíram-se uma importante ferramenta de gestão de trabalho. Neste sentido, considerou-se relevante integrar no plano de trabalho hipóteses que permitissem comprovar ou contestar (1) a possibilidade de que, após o levantamento das restrições de acesso físico aos museus decorrentes das medidas de combate à pandemia de COVID-19, pudesse aumentar o interesse pela visita aos museus; (2) a possibilidade de que o acesso digital a conteúdos sobre um determinado museu pudesse influenciar a decisão de visita; (3) a possibilidade da existência de uma maior propensão por parte das gerações mais jovens para valorizar a dimensão digital dos museus; (4) a possibilidade de se considerar as plataformas digitais enquanto ferramentas de acessibilidade e sustentabilidade dos museus para o futuro (Amaral, 2022, p.31).

De forma a mapear estas hipóteses, considerou-se essencial a realização de um estudo de

2 Este projeto é orientado pelo Professor Doutor Rui Manuel Sobral Centeno, Doutora Ana Patrícia Soares Lapa Remelgado e pelo Professor Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes

3 Financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT)

4 Museu Nacional de Arqueologia, Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Museu Nacional do Azulejo, Museu Nacional de Etnologia, Museu Monográfico de Conímbriga – Museu Nacional, Museu Nacional do Teatro e da Dança, e Museu Nacional do Traje

proximidade que pudesse incluir uma perspetiva externa sobre os museus. Deste modo, a escolha do objeto de estudo incidiu sobre os Museus Nacionais em Portugal. Esta seleção teve por base a análise à relação destas instituições com as noções de identidade, diversidade e representatividade das práticas museológicas em contexto nacional. Ao mesmo tempo, a proximidade destas instituições, na sua gestão, a compromissos internacionais de responsabilidade social e sustentabilidade, sublinharam a pertinência da sua escolha. O enfoque deste estudo encontra, ainda, enquanto referência central, o relatório final do GPMF (Camacho, 2020), partilhando das suas preocupações recentes alusivas às tendências de futuro e fatores de mudança no panorama museológico nacional.

Responderam positivamente ao pedido de colaboração as instituições: Museu Nacional de Arqueologia, Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Museu Nacional do Azulejo, Museu Nacional de Etnologia, Museu Monográfico de Conímbriga – Museu Nacional, Museu Nacional do Teatro e da Dança, e Museu Nacional do Traje

A preparação do estudo de públicos previu a realização de inquéritos aos visitantes dos Museus Nacionais participantes, sendo que a construção da estrutura dos inquéritos teve em consideração o desenvolvimento de estratégias que possibilitassem apurar, tanto quanto possível, a projeção das hipóteses de partida no terreno. Como procedimento de verificação para cada uma dessas hipóteses, foi concebida uma estrutura de inquérito por questionário simples, fácil e intuitiva. Demonstrou-se importante que, a este propósito, o inquérito não condicionasse a resposta do inquirido, não ocupasse muito do seu tempo e não interferisse de forma inadequada na experiência da visita. Assim, foi desenvolvido um conjunto de questões breves, numa linguagem acessível, que procuraram mapear as opiniões geradas sobre o museu visitado, mas também sobre a instituição museológica *lato sensu* (Amaral, 2022, p. 31).

Foi determinado que o inquérito seria destinado a públicos de nacionalidade portuguesa e estrangeira, residentes em Portugal ou não, que

tivessem mais de 16 anos e que não se encontrassem num contexto de visita escolar (tanto professores como estudantes). A estrutura do inquérito seguiu essencialmente um modelo tripartido, isto é, uma estrutura dividida entre questões quantitativas de natureza sociodemográfica, questões quantitativas referentes à relação dos visitantes com os museus e com o uso das tecnologias digitais, e por fim, uma questão qualitativa que procurou mapear as motivações (positivas e negativas) face à decisão de visitar, ou não, um museu.

Durante a preparação do trabalho de terreno demonstrou-se necessário definir, ao nível da aplicação dos inquéritos, questões de cariz prático, nomeadamente o formato em que os inquéritos seriam disponibilizados (físico, digital e/ou híbrido), o(s) idioma(s) que seriam disponibilizados, a quantidade de inquéritos e o período temporal em que estes seriam realizados. Determinou-se que os inquéritos seriam entregues num formato físico, apesar desta opção assumir uma solução ecologicamente menos sustentável face às restantes. No entanto, em termos gerais, considerou-se que este formato exerceria um maior poder na captação dos públicos destes museus, estando previsto que a sua entrega física seria inequivocamente realizada no espaço do museu e que as pessoas que preenchessem o inquérito se encontravam numa situação posterior à visita. Por outro lado, o formato físico possibilitou que o levantamento das respostas se realizasse nos diversos museus num mesmo período temporal, sendo que a opção de inquérito digital obrigaria a que, pela impossibilidade de aquisição de vários *gadgets*/equipamentos necessários para a realização simultânea, um mesmo equipamento transitasse entre museus durante diferentes períodos temporais. A realização dos inquéritos foi feita, desta forma, num registo de entrega e levantamento físico dos inquéritos por questionário numa lógica de colaboração entre investigadora e Museus. Observou-se por parte dos museus participantes a adoção de duas metodologias distintas: (1) Um modelo de preenchimento autónomo em que os inquéritos foram disponibilizados em zonas específicas dos museus para o seu livre preenchimento; (2) Um modelo em que existiu a

encontrar as instruções para o correto preenchimento (Figura 3).

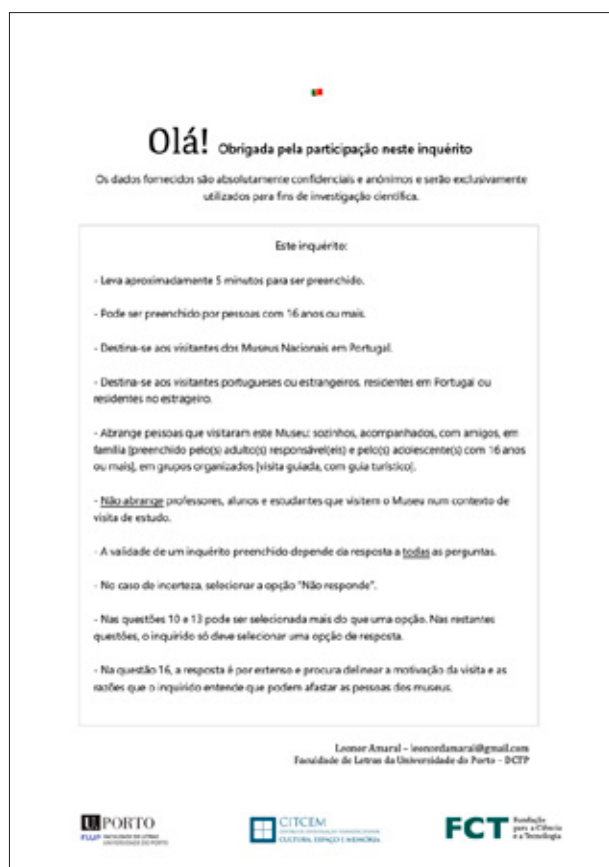


Figura 3. Modelo de Complemento de Inquérito – Versão Portuguesa

A aplicação dos inquéritos abrangeu diferentes períodos entre os meses de Abril e Julho de 2022. A amostra global é de 827 inquéritos válidos recolhidos nos sete Museus Nacionais integrantes deste estudo. A distribuição geográfica das instituições concentra-se na sua maioria (6) na cidade de Lisboa, à exceção do Museu Monográfico de Conímbriga situado na região Centro, no concelho de Condeixa. A natureza das coleções é diversificada – arqueologia, arte, artes decorativas, etnologia, mistos – e em todos os casos observa-se a presença destes Museus no universo digital, quer seja a partir do seu website, da plataforma *Google Arts and Culture* ou da sua atividade em redes sociais.

Comentário aos Resultados Globais

De um modo geral, os resultados obtidos indicam que o perfil sociodemográfico dos visitantes segue a tendência de uma linha já traçada por outros estudos desta natureza, do qual se destaca desde já o Estudo de Públicos dos Museus Nacionais (EPMN) apresentado entre os anos de 2018 e 2019 (Neves, 2016; Neves, 2020, p.23).

Encontramos uma predominância de públicos do sexo feminino, de nacionalidade estrangeira, com níveis de escolaridade pós-secundária (Tabela 1). No que concerne aos hábitos de visita, a maioria dos visitantes inquiridos afirmou visitar com regularidade museus e/ou exposições, sendo que, quando questionados sobre a projeção do nível

Tabela 1. Dados demográficos referentes aos resultados globais do Estudo de Públicos

Dados Sociodemográficos	Género			Nacionalidade		Faixa Etária						Níveis de escolaridade pós-secundária	Hábitos de Visita – Costuma visitar museus?	Projeção de nível de visita			Inquéritos válidos
	F	M	Outro	Portuguesa	Outra	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65+	Resposta afirmativa	Resposta afirmativa	Manter	Aumentar	Diminuir	
MNAC	57,5	37	5,5	48	52	18,1	25	18,1	12,5	15,3	11,1	44,8	77,3	38	22	3	73
MNARQ	57	43	-	11	89	21,3	24,6	17,9	16,4	14,5	5,3	74,9	90,3	100	101	5	207
MNAZ	61,8	37,7	0,5	2	98	20,6	24,6	12,6	17,1	14,6	10,6	78	83	140	56	4	202
MNET	55,6	44,4	-	56	55	27,8	16,7	24,8	11,1	5,6	11,1	83	100	12	6	-	18
MNTD	69,2	30,8	-	40,2	59,8	20,5	12,9	15,9	20,5	15,2	15,2	57,6	77	72	46	-	132
MNTR	64,5	35,5	-	65	35	20,5	18,1	19,1	17	11,7	8,5	74,8	91,5	56	35	2	94
MMC	54,5	44,4	1	45	55	18,8	8,3	12,5	20,8	17,7	21,9	71,5	97	61	36	1	101
Métrica	%			%		%						%	%	Nº de visitantes			N.º

* Estes dados dão conta dos resultados referentes às respostas válidas

de visitas num contexto “pós-crise pandémica⁵”, a maioria dos visitantes afirmou ter intenção de manter ou aumentar o nível de visitas. Por sua vez, verifica-se que os visitantes que afirmaram considerar que o seu nível de visitas, no pós-pandemia, tendia a decrescer, fazem parte de uma fração com muito fraca ou inexistente expressão percentual.

No âmbito do estudo sobre a relação da prática de visita aos museus com a utilização das ferramentas e tecnologias digitais, os visitantes foram questionados sobre o acesso a conteúdos digitais sobre o museu que visitaram. Na maioria dos casos, os visitantes que afirmaram ter acedido a conteúdos sobre o museu confirmaram que se sentiram influenciados a visitar o museu devido ao acesso a este tipo de informação. No que concerne ao tipo de plataformas utilizadas, os visitantes demonstraram que, no âmbito da procura por informação sobre estas instituições, existe uma clara preferência pela utilização dos motores de busca da *Google* e dos *Websites* de Museus. Contudo, foi possível determinar nas respostas dos inquiridos que estes identificam nas redes sociais, nomeadamente no *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*, as plataformas onde se sentem mais propensos a ser influenciados a visitar um museu.

Ao analisar a relação entre a questão (9) Quando procura interagir e participar nas atividades do museu, privilegia o espaço físico ou o espaço virtual/digital dos museus? e a questão (4) sobre a faixa etária dos visitantes inquiridos, foi possível determinar que contrariamente ao que previam as hipóteses de partida, são os visitantes de idades mais avançadas que, comparativamente com as restantes, valorizam mais a dimensão híbrida (física e digital) dos museus. Ao passo que as gerações mais jovens valorizam mais a dimensão física destas instituições.

5 As aspas servem para salientar a ambiguidade do termo “pós” quando falamos numa crise desta natureza, sendo fácil estabelecer um antes, mas difícil estabelecer um depois.

Tabela 2. Tabela com resultados do cruzamento entre as questões (9) e (4). Dados referentes à amostra recolhida em cada um dos sete Museus Nacionais.

Museu Nacional do Azulejo		Faixa Etária						Total
		15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 +	
P. 9 - Quando procura interagir e participar nas atividades do Museu, privilegia o espaço físico, digital ou ambos?	Físico	37	44	21	24	20	16	162
	Digital	2	2	1	1	2	1	9
	Ambos	1	3	3	9	6	4	26
Total		40	49	25	34	28	21	197

Museu Nacional do Azulejo		Faixa Etária						Total
		15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 +	
P. 9 - Quando procura interagir e participar nas atividades do Museu, privilegia o espaço físico, digital ou ambos?	Físico	3	2	3	2	1	0	11
	Digital	0	0	0	0	0	0	
	Ambos	2	1	2	0	0	2	7
Total		5	3	5	2	1	2	18

Museu Nacional do Azulejo		Faixa Etária						Total
		15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 +	
P. 9 - Quando procura interagir e participar nas atividades do Museu, privilegia o espaço físico, digital ou ambos?	Físico	38	45	31	27	22	4	167
	Digital	2	0	0	0	0	1	3
	Ambos	4	6	6	7	8	6	37
Total		44	51	37	34	30	11	207

Museu Nacional do Azulejo		Faixa Etária						Total
		15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 +	
P. 9 - Quando procura interagir e participar nas atividades do Museu, privilegia o espaço físico, digital ou ambos?	Físico	7	13	5	4	5	4	38
	Digital	2	1	4	3	2	0	12
	Ambos	4	3	4	2	4	3	20
Total		13	17	13	9	11	7	70

Museu Nacional do Azulejo		Faixa Etária						Total
		15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 +	
P. 9 - Quando procura interagir e participar nas atividades do Museu, privilegia o espaço físico, digital ou ambos?	Físico	11	5	10	7	12	14	59
	Digital	0	0	0	1	0	0	1
	Ambos	6	3	2	11	5	6	33
Total		17	8	12	19	17	20	93

Museu Nacional do Azulejo		Faixa Etária						Total
		15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 +	
P. 9 - Quando procura interagir e participar nas atividades do Museu, privilegia o espaço físico, digital ou ambos?	Físico	22	12	20	21	15	12	102
	Digital	2	1	0	2	1	0	6
	Ambos	1	4	1	4	3	7	20
Total		25	17	21	27	19	19	128

Museu Nacional do Azulejo		Faixa Etária						Total
		15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 +	
P. 9 - Quando procura interagir e participar nas atividades do Museu, privilegia o espaço físico, digital ou ambos?	Físico	15	12	13	11	5	7	63
	Digital	0	0	0	2	0	0	2
	Ambos	9	5	5	2	6	1	28
Total		24	17	18	15	11	8	93



Figura 5. “Nuvem de palavras” referente às motivações para visitar um museu segundo os visitantes do Museu Nacional do Azulejo. Via Wordcloud

Do ponto de vista das motivações negativas, os visitantes inquiridos apontaram razões transversais aos vários museus como o preço do bilhete ou longas filas e tempos de espera, assim como razões associadas à experiência específica de visita a determinado museu como a acessibilidade por exemplo, e também razões consideradas pessoais como a falta de tempo ou de interesse.

Nota conclusiva

Como mencionado, de um modo geral os resultados deste estudo não se distanciam do conhecimento já existente sobre o perfil sociodemográfico dos públicos de museus. Algumas tendências observadas neste estudo, face às preferências dos visitantes na utilização de plataformas digitais, como os motores de busca e as redes sociais, podem ajudar estes museus a enquadrar o seu planeamento estratégico digital. Contudo, atendendo à questão que relaciona a preferência da experiência do museu nos seus diversos formatos (físico, digital, híbrido) e a sua relação com a faixa

etária dos visitantes, destaca-se que estes resultados poderão, em parte, evidenciar a fragilidade da hipótese de partida levantada por esta investigação que prevê uma maior propensão das gerações mais jovens para valorizar a dimensão digital dos museus. Ainda assim, considera-se que estes resultados poderão introduzir nesta investigação um novo questionamento:

– E se as gerações mais jovens não arriscam dizer que valorizam a dimensão digital dos museus por sentirem que estas instituições não falam a sua “linguagem digital”?

Neste quadro, do ponto de vista da análise à natureza comunicativa destas instituições, torna-se essencial procurar compreender de que forma os museus reproduzem, ou não, os seus métodos de comunicação tradicionais nas plataformas digitais ou, por outra parte, se reinventam e adaptam as suas práticas aos critérios de participação e interação destas ferramentas.

Deste modo, algumas das questões de seguida discriminadas servem de mote a uma reflexão futura:

- Para quem comunicam os Museus Nacionais nas suas redes sociais?
- Que segmentos etários se encontram mais, e menos, representados no universo estatístico das redes sociais destes museus?
- Que tipo de comunicação/mediação e conteúdo digital valorizam as gerações mais jovens?
- E, de que forma procuram os museus conectar-se com as gerações mais jovens através da sua presença digital? Quais são os casos de sucesso? Qual a definição de “sucesso” nestes casos? Que consequências encontramos desse “sucesso”?

Pese embora estes dados resultem de uma fase inicial de uma investigação, à data da redação deste artigo ainda em curso, algumas considerações podem contribuir para a reflexão sobre o uso das tecnologias digitais na sua relação com os museus. Sabendo que os museus, enquanto instituições sociais, desenvolvem no seu serviço à sociedade uma conceção de *raison d'être*, a resposta às características do mundo que os rodeia torna-se imperativa. E se, cada vez mais, encontramos um cenário sociocultural marcado por

dinâmicas transnacionais, partilhadas, onde persiste uma permanente “requisição da experiência pela tecnologia” (Gil, 2002, p.21), o digital torna-se numa das linhas de ação centrais para os museus.

Em suma, considera-se a dissociação entre as tecnologias digitais e a função social dos museus uma imprecisão. Neste contexto, considera-se que a crise pandémica veio reforçar a pertinência do pensamento crítico em torno do (des)enquadramento dos paradigmas tradicionais de comunicação destas instituições, bem como a necessidade de articulação com as novas tecnologias. Simultaneamente, veio sublinhar a importância dos estudos científicos sobre o digital enquanto ferramenta de acessibilidade e sustentabilidade para os museus.

Referências bibliográficas

- Amaral, L. (2022). *The Social Function of Museums in the Digital Age. A case study on the influence of digital media on the social dimension of National Museums in Portugal*. In Testón, A. M. & Ramos, B. G. (eds.). CIMED 22 – II Congreso Internacional de Museos y Estrategias Digitales. Valência: Universitat Politècnica de València. Disponível em: <http://ocs.editorial.upv.es/index.php/CIMED/Cimed22/sched-Conf/presentations>
- Camacho, C. (coord.) (2020). *Grupo de Projeto Museus no Futuro, Relatório final*. Disponível em: <https://institutedehistoriadaarte.wordpress.com/2020/11/17/grupo-de-projeto-museus-no-futuro-relatorio-final/>
- Duarte, A. (1998). *O Museu como Lugar de Representação do Outro*. In Antropológicas, nº2. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/antropologicas/issue/view/91>
- Duarte, A. (2013). Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda Inovadora. Rio de Janeiro: Revista Eletrónica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Património – PPG-PMUS Unirio |MAST, vol. 6 no. 1 pp. 99-117. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/248>
- Gil, J. (2002). *Ligações inconscientes*. In Miranda, J. A. B. de & Cruz, M. T. (Org.). *Crítica das Ligações na Era da Técnica*. Lisboa: Tropismos pp. 21-30.
- Neves, J. (2016). Resultados Globais, Estudo de Públicos dos Museus Nacionais [Folheto]. Lisboa: DGPC. Disponível em: <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/dgpc/estudos-de-publicos/>
- Neves, J. (2020). *O Estudo dos Públicos nos Museus Nacionais: Enquadramento e Metodologia*. In Todas as Artes. Porto: Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura, Vol 3, nº. 1 pp. 23-32
- Rodriguez - Ortega, N. (2018). *Desarrollos digitales de la Historia del Arte: implicaciones epistémicas, críticas y metodológicas*. In Humanidades digitales: edición, literatura y arte. Bonilla Artigas Editores y Red de Humanidades Digitales. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/326399129_Desarrollos_digitales_de_la_Historia_del_Arte_implicaciones_epistemicas_criticas_y_metodologicas/related

Leonor Amaral. Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigadora colaboradora no CITCEM-FLUP. Licenciada em História da Arte e mestre em Museologia pela Universidade do Porto. Em 2021 recebe uma Menção Honrosa dos Prémios APOM pela sua dissertação de mestrado. Desde 2021 desenvolve investigação de doutoramento na área dos Estudos do Património enquanto bolseira da FCT.
E-mail: leonordamaral@gmail.com
ORCID-0000-0003-1913-532X

Artigo recebido no âmbito da chamada aberta que decorreu até 31 de maio. Aprovado para publicação a 24 de junho de 2023.



OFICINA BIOGRÁFICAS COM ESTUDANTES E INVESTIGADORES: UM MÉTODO PARTICIPATIVO DE INVESTIGAÇÃO E FORMAÇÃO

Elsa Lechner
Universidade de Coimbra

Resumo

O texto apresenta brevemente os princípios, dinâmica e protocolo das oficinas biográficas sublinhando as competências do método nos domínios da investigação, formação e potencial ação cívica. Cita excertos de testemunhos autorizados por participantes das duas oficinas realizadas no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto em outubro de 2022, ilustrativos dos efeitos decorrentes da experiência de participação nesses dois grupos de trabalho. Situamos a pertinência do método num campo interdisciplinar, filiado à sociologia qualitativa, à antropologia norte-americana, e à corrente das histórias de vida em formação, nas quais a autora se formou. Este enquadramento em diálogo com as reflexões dos/as oficinairos/as permite analisar, em específico, o contributo das oficinas biográfica para a vivência das dimensões coletivas do trabalho biográfico e os efeitos da escrita autobiográfica e do grupo. Consequentemente, permite também identificar mecanismos de facilitação de sentimentos de pertença num contexto académico e científico marcado pela precariedade laboral. O artigo ilustra a coerência teórico-prática que este método potencia no âmbito do ensino e exercício das ciências sociais e humanidades interessadas nos sujeitos e linguagens.

Palavras chave: Métodos biográficos. Pesquisa participativa. Formação.

BIOGRAPHICAL WORKSHOPS WITH GRADUATE STUDENTS AND RESEARCHERS: A METHOD THAT BUILDS COMMUNITY

Elsa Lechner
Universidade de Coimbra

Abstract

The text briefly presents the principles, dynamics and protocol of the biographical workshops, highlighting the potential of the method in the fields of research, training and potentially for civic action. It quotes excerpts from testimonies authorized by participants of the two workshops held at the Institute of Sociology at Porto University in October 2022 illustrating the effects resulting from the experience of participating in these two working groups. We place the pertinence of the method in an interdisciplinary field, affiliated with qualitative sociology, North American anthropology, and the stream of life stories in education, in which the author was trained. This framework in dialogue with the reflections of the participants makes it possible to specifically analyze the experience in group of the collective dimensions of biographical work. Consequently, it also enables the identification of the mechanisms facilitating a sense of belonging in academic and scientific contexts marked by precariousness. The article illustrates the theoretical-practical coherence of this method enhances for training and exercise within the social sciences and humanities.

Keywords: Biographical Methods. Participatory Research. Group Training.

Introdução

O presente texto resulta das atividades ministradas no Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto em outubro de 2022 como investigadora visitante, dedicadas à pesquisa biográfica em ciências sociais. Regista por escrito o processo e efeitos partilhados desse trabalho, evidenciando em particular a prática das duas oficinas biográficas – uma oficina de projeto e uma oficina de carreira –, de acordo com os testemunhos produzidos pelos/as participantes. Com base na já longa experiência de dinamização de oficinas biográficas temáticas (desde 2011), e nas reflexões dos/as oficinairos/as (sem anonimato, por escolha própria), são aqui brevemente apresentados: o protocolo, objetivos, e resultados das referidas oficinas.

Após uma aula aberta que percorreu as origens, heranças teóricas e correntes da investigação sociológica e antropológica com e sobre materiais biográficos, realizámos duas oficinas que contaram com a inscrição de estudantes e investigadores/as de várias gerações, nacionalidades, diferentes disciplinas e graus académicos, interessados/as em conhecer e praticar especificamente o método grupal, em resposta aos anúncios publicados pelo IS. Este tem sido por nós desenvolvido em vários contextos¹ e tem utilidade reconhecida na prática de investigação e formação. De modo geral, como identificaram autores das correntes que nos norteiam (Thomas & Znaniecki 1996 [1918-1920]; Pineau 1996; Denzin, 2009), a pesquisa biográfica tem ainda relevantes impactos sociais, de ação cívica, podendo ajudar a rever, por exemplo, políticas públicas em várias áreas, currículos escolares, regras de convivência, organização comunitária.

No pequeno espaço de escrita disponível para este artigo, o objetivo é apresentar brevemente

os princípios e processo deste trabalho em grupo, sublinhando a dimensão coletiva das narrativas biográficas e sua pertinência na formação em contexto universitário. Citaremos alguns comentários redigidos pelos/as participantes em reflexões redigidas posteriormente sobre a experiência de participação nas oficinas e sobre o método, para analisar os impactos da escrita, da partilha e do trabalho em grupo propiciados pelo método.

O método das oficinas biográficas: brevíssima apresentação.

O termo ‘oficinas biográficas’ é uma tradução literal da expressão francesa ‘ateliers biographiques’, utilizada pelas professoras Jeanne-Marie Rugira e Marie-Christine Josso com quem nos formámos nestes métodos participativos, no início dos anos 2000 (Josso, 2003; Rugira, 2004). Com percursos interdisciplinares entre as ciências sociais, a educação e a psicologia social, tanto Josso como Rugira desenvolveram instrumentos de trabalho com grupos, assentes na produção e partilha de narrativas biográficas. Josso dedicou-se sobretudo às narrativas em contextos de formação ao longo da vida e de educação de adultos, fazendo parte da pioneira Escola de Genebra. A segunda, trabalha na área da investigação-formação através da oralidade, de práticas dialógicas e abordagens biográficas, no Québec. Os ateliers ou oficinas são, pois, métodos utilizados em campos interdisciplinares, interessados na democratização do conhecimento, na troca de saberes, e na validação das competências num sentido lato (não apenas na formação).

O funcionamento grupal das oficinas concretiza uma coerência teórico-prática do trabalho biográfico, uma vez que qualquer experiência ou expressão humana tem um carácter simultaneamente plural e singular, coletivo e individual (Ferrarotti, 1981). É, por essa razão, que encontramos nas ciências sociais as grelhas mais completas e mais adequadas para compreender a ‘praxis sintética’ contida nos materiais relativos a histórias de vida e experiências biográficas, que não se limitam nunca a expressões meramente individuais ou psicológicas, nem são isoladas dos contextos

1 Projetos de investigação junto de populações migrantes financiados pela FCT (PTDC/CS-ANT/111721/2009, Comissão Fulbright (13-073/2013), Gulbenkian (PDLCP 065/209467/2018); Oficinas de Formação Experiencial online (2020/21/22), e atividades de extensão www.ces-vaiaescola.com desde 2015 (“Nós e os Outros: oficinas de alteridade e diferença”).

culturais e históricos em que surgem e se expressam (mesmo se em silêncios e sombras).

Nos seus efeitos específicos, como nota Valeska Fortes de Oliveira (2011), o grupo potencia os ‘sistemas humanos’, num sentido antropológico; faz engrenar o devir, e soluções inesperadas para problemas comuns aos seus membros. No grupo criam-se sentimentos de identificação, de solidariedade e de empatia que são muitas vezes ausentes dos quotidianos velozes das sociedades complexas, atomizadas e competitivas em que vivemos. Nos grupos de trabalho biográfico, tais aspetos antropológicos são também potenciados pelo formato das oficinas que assenta na circularidade (sentamo-nos numa roda), horizontalidade (comunicação livre e não hierarquizada), posicionalidade (cada participante tem uma perspetiva única e experiência singular sobre o tema em pauta), e equidistância no círculo e face ao tema central (simbolismo de igualdade situacional) entre os participantes. A metáfora da *Arbre à Palabres* (Leray e Hamey-Warou, 2014), ilustra esta feição do trabalho biográfico em grupo, em que participantes voluntários interessados em desdobrar um tema social das suas vidas, se juntam (mesmo sem se conhecerem à partida) para produzirem e partilharem narrativas de experiência. O formato circular e horizontal ajuda a aplicar o protocolo que julgamos mais adequado para a dinâmica deste trabalho que apelidamos de dinâmica das ‘ressonâncias’ (Lechner, 2012; 2023). E o modo participativo de partilha das diferentes posicionalidades entre oficinheiros.as, contribui para uma escuta respeitosa e sensível (René Barbier, 2019), apesar do caráter agonístico da linguagem e comunicação humanas (Lecerle, 1996). Trata-se, como sublinham Christian Leray e Fatimata Hamey-Warou no livro citado (2014), de um círculo de solidariedade que potencia laços, coesão social e participação cívica. Neste sentido, as oficinas biográficas funcionam como verdadeiros fóruns de cidadania, vocação primeira, aliás, das *arbres à palabres* originais que inspiram o formato e conceito das oficinas (“um parlamento invisível”, “rodas de desenvolvimento da participação na comunidade e da cidadania ativa” <https://youtu.be/2Db5z8dAf00>). No contexto que aqui nos ocupa, este fórum assenta num círculo de relatos de experiência produzidos

com o intuito de pensar em conjunto o presente e o futuro dos temas das rodas (as oficinas são temáticas), depois da identificação dos aspetos comuns a cada relato/experiência face ao tema tratado. Após cada relato, seguem-se as ressonâncias dos narratários.as, fechando-se cada conjunto de leitura+ecos com uma resposta do.a narrador.a ao grupo de narratários. Este protocolo permite fazer a experiência comunitária, grupal, da partilha dos relatos, através de uma escuta atenta que respeita a vivência de cada narrador. A facilitadora da oficina permanece numa posição de ‘orquestradora’ dos tempos de leitura, de fala e ressonâncias, fazendo comentários para sublinhar aspetos relevantes do método colocados em evidência por exemplos concretos surgidos em cada roda. O seu papel é o de maestrina do coro de vozes no grupo para cumprir a pauta da roda.

As oficinas de “Projeto” e de “Carreira” na FLUP

As oficinas foram divulgadas com o objetivo de propiciar a estudantes e investigadores a experiência deste método biográfico-participativo em sessões de três horas cada uma (a nossa experiência reitera esse tempo para um grupo de seis participantes). Foram dadas indicações claras quanto aos temas ‘projeto’ e ‘carreira’ e pedido que quem se inscrevesse levasse uma página autobiográfica sobre a sua forma de viver, no presente, o seu projeto de investigação (necessidades sentidas, inquietações, estado do projeto – primeira oficina), ou a sua carreira (diagnóstico atual da situação de carreira – na segunda oficina).

As oficinas contaram, respetivamente, com quatro estudantes de pós-graduação (uma mestranda e três doutorandas), e seis investigadores (dois professores universitários, e quatro investigadoras em doutoramento), a quem se juntaram duas outras profissionais (uma fotógrafa e uma escritora), em busca de novos conhecimentos e experiências. Esta diferença do número de inscrições entre os dois temas propostos fez com que o primeiro grupo tenha tido mais tempo e o segundo não tenha podido fazer um balanço final. Cada participante escreveu previamente o texto autobiográfico

solicitado sobre o tema em pauta, que leu no grupo, em roda, recebendo de seguida as ressonâncias dos/as narratários/as. Este funcionamento replica-se para cada narrador/a, sendo assim cada narração *nutrida* pela escuta e palavras dos/as narratários/as. Com efeito, é o movimento espiralado destas trocas dialógicas que esculpe o tema da oficina evidenciando-o como objeto coletivo de análise produzido no e pelo grupo. Um efeito sistémico do grupo sublinha – apesar de todas as diferenças entre participantes-, os aspetos comuns das suas vivências sobre o tema da oficina. Tal efeito aparentemente banal ou aparentemente superficial é, na verdade, muito edificante para os sujeitos, ajudando a treinar a escuta, a empatia, o silêncio, que são verdadeiros instrumentos de trabalho para quem faz investigação nas ciências sociais.

Após cada oficina, solicitámos a escrita de uma reflexão sobre a respetiva experiência. A maior parte dos/as participantes enviou o seu testemunho uma semana depois do encontro, uma das participantes não o fez (sem justificação), e outra enviou meses depois um texto muito refletido (alegando falta de tempo na sua vida corrida). Não podendo aqui transcrever grandes excertos destas reflexões, passamos a analisar algumas pequenas citações, com a autorização dos/as autores/as devidamente identificados. Focaremos apenas três aspetos principais nesta análise: a escrita autobiográfica, a partilha dos textos no grupo, o efeito do grupo no tratamento dos temas. Outros aspetos muito interessantes mereceriam um exame que não encontra lugar no espaço deste texto.

A escrita auto-biográfica

O exercício de escrita autobiográfica solicitado a quem participa numa oficina assenta no pressuposto teórico – bem estudado e analisado pela corrente das histórias de vida em formação supracitada-, da construção refletida de sentido. Como afirma um dos representantes fundadores desta escola “Cada vez que um sujeito de palavra emerge no campo da linguagem [através de uma narrativa], produz-se um efeito que apelidamos de “efeito-sujeito”, quer dizer, um efeito de produção do

próprio sujeito que se narra.” (Villers, 1996, p.114). Neste sentido, cada participante parte para cada oficina já em posse de uma reflexão autobiográfica e dos efeitos da escrita de si (Ricoeur, 1983), a saber, identificação e nomeação de contornos identitários, projeção no futuro, inscrição da experiência privada numa historicidade, identificação de contextos sociais e culturais. É conhecida a importância da escrita na história do mundo (Havelock, 1988), bem como o poder da tradição escrita (Goody, 2000). Nessa história construtora de civilizações, a escrita de si ocupa lugares diferentes em culturas diversas e está diretamente relacionada com a questão da classe social/acesso à educação formal e meios culturais (Goulemot, 1990, p. 390). O acesso à escrita como competência formativa e capital simbólico terá, assim, uma relação direta com as culturas da escrita autobiográfica. Ou seja, a razão de ser de uma maior tradição diarística e de escritas de si em certas culturas estará justamente na respetiva história mais longa de literacia, enquanto que nos países com maior número de analfabetos até datas mais recentes, tal tradição não existe ou é irrisória, limitando-se a escassos exemplos. Estes são, pelas mesmas razões, mais comuns entre as classes altas, mas também há exceções, como o conhecido caso de Carolina Maria de Jesus no Brasil, autora do livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” (1960).

As narrativas de si são uma oportunidade de interação autoformativa entre uma pessoa e o mundo, permitindo ainda fazer a experiência da apropriação subjetiva dessa aprendizagem e consequente empoderamento: um saber-poder sobre si e as circunstâncias, podemos dizer. Segundo Gaston Pineau e Marie Michèle (1983), a autoformação nasceu nos anos 1970/80, num contexto de abertura institucional da educação, preocupada em reconhecer a multidimensionalidade da formação. Foram reconhecidos três polos (auto, eco, organização) que passaram a integrar currículos formais e informais associados à ideia de co-participação e de co-responsabilidade (Morin, 1980). Hoje, tal como diagnosticou recentemente Pineau (2019), a autoformação já não é uma ‘revolução formativa escondida’ (p. 196): “Os últimos trinta anos de investigações/ações/formações testemunham que ela

não se reduz a um mecanismo ideológico moderno de subjugação ao efeito de apelo do sujeito. Este apelo pode dessubjugar, libertando um ambiente organizacional invisível, uma força reflexiva e dialógica de formação/transformação, acrescentemos *hologramática* com Morin.” (Pineau, 2019, p. 196, nossa tradução). Pineau pergunta, logo de seguida, o que será este “Si” (“soi”, em francês, diferente de “moi” (“eu”, em português) em ação nos exercícios pessoais refletidos e autoformativos. Revisita, para tal, autores da filosofia, místicos, psicanalistas, pioneiros do interacionismo simbólico que entendem o “si” num sentido antropológico “como um movimento de interiorização das interações” (Mead [1934] apud Pineau, 2019, p. 197). E conclui vendo neste terreno antropofornativo um movimento de democratização e de apropriação do poder pessoal e universal de formação de maneira a, entre outros, tentar transformar as relações de trocas sociais e usos materiais em relações de sábios (“en rapports de sages”).” (p.197).

Nos testemunhos que recebemos, este efeito é descrito de diferentes formas. Encontramos definições da experiência de devir, por exemplo, em substantivos como “viagem”, ou nos verbos “navegar” (Joana Freitas), “compreender” (Letícia Simões), “aprofundar a minha reflexão” ou [propiciar que] “as ideias soltas e dispersas que por vezes constituíam o meu pensamento adquiriram uma forma concreta” (Liliana Alves). Letícia Simões desenvolve numa frase esse efeito: “De minha parte, apenas o exercício de escrever sobre os rumos da minha atual pesquisa de doutoramento já serviu enquanto um organizador de intenções. Mais do que estruturas, sumários ou esqueletos de tese, o exercício disparador da oficina funcionou como exercício agricultor da investigação, ao separar o que é semente (potência), em qual solo isso poderia ser germinado e quais os obstáculos para que floresça.”

Outro testemunho fala da escrita autobiográfica como uma oportunidade de “amadurecer a reflexão” e “Senti[r] particularmente a possibilidade de pensar na minha narrativa como um mapa, com as devidas paragens que tive de fazer. (...) hoje, consigo olhar e perceber que a escrita deste texto me ajudou a redigir o bilhete de partida.” (Raquel

Melo). No mesmo sentido, Valmor Scott Jr. considera que o exercício “ensejou reflexões para além de obviedades”, e Joana Cruz engloba a escrita num exercício mais vasto, concluindo, “Relembrados/as dos sonhos que nos faltam cumprir, urge entender o todo e o campo da luta, dobrar as mangas, alinhar as prioridades: e ser, criando!”. Encontramos, portanto, o sentido da reflexão aprofundada nos testemunhos que se referem a este exercício, bem como o efeito de empoderamento. Uma reflexão e efeitos que abrem caminho para novas compreensões, descobertas, ações e criações dos/as participantes.

A partilha de narrativas

No que diz respeito às partilhas dos textos e dos comentários de quem escuta as respetivas leituras, todas as reflexões escritas após as oficinas se referem a essa experiência em específico, o que não aconteceu no caso do subtema do exercício de escrita. Joana Freitas apelidou mesmo as oficinas biográficas de “viagens acompanhadas”, vendo uma dimensão caracteristicamente humana neste acompanhamento, uma sabedoria partilhada e um efeito de crescimento e aprimoramento do seu projeto de mestrado: “As oficinas biográficas permitiram-me todas estas viagens interiores, que foram sabiamente acompanhadas por mais questionamentos de quem me rodeava, esse ressoar que as minhas partilhas tiveram nos outros participantes.... Que por sua vez ressoaram em mim (...). Não se podem evitar na nossa condição de humanos. Cresci! (...) foi MUITO importante este momento no meu caminho académico, sendo que é inegável o impacto que está já a ter na forma como estou a perspetivar a minha prossecução de estudos. (...) Que grupo maravilhoso! Que partilhas transformadoras! MESTRADO CONCLUÍDO!”. Letícia Simões, por sua vez, também afirma um efeito sobre o projeto de tese: “A experiência da roda em torno da pesquisa teve um impacto muito imediato em mim: foi possível, de um dia para o outro, enxergar de forma mais cristalina os caminhos para a tese (...), bem como me munir dos argumentos para as vindouras críticas e

discussões acerca da minha investigação. Foi uma experiência de empoderamento, mas também de sofisticação da escuta, onde foi possível tecer uma rede verbal de possibilidades através da partilha dos relatos.” Esta participante sublinha a questão da escuta e de um sentimento de empoderamento que a partilha propicia, identificando ainda a dimensão coletiva das questões individuais abordadas: “A roda proposta pela professora Elsa Lechner foi muito importante para compreender que ambos os meus problemas não são solitários nem endêmicos ao meu projeto; mas, antes, são estruturais de como a instituição académica está organizada e, de certa forma, estagnada diante de uma mudança de perspetiva acerca da relação teórica entre indivíduos e suas subjetividades. A experiência de uma pessoa não se trata de mera “opinião”, mas de uma vivência específica diante de um tema comum, em seu contexto político, econômico, de gênero e de raça.” Letícia faz, por fim, uma conclusão em forma de pergunta sobre a natureza deste trabalho em roda: “Como isto não pode ser interdisciplinar, subjetivo e necessário?”. Liliana Alves considera que a partilha permite a empatia num exercício conjunto de análise: “Esta experiência interrogativa e intimista que vivenciei proporcionou-me, assim, a oportunidade de me colocar no lugar de tantas pessoas (...). Registrar em papel as minhas ideias e inquietações, ouvir a minha voz e o eco das palavras ditas no pensamento e análises generosamente devolvidas por quem me rodeava foi um trabalho pertinente, de índole (auto)biográfica, construtiva e crítica, que me incentivou a manter o meu foco (...).” Por outro lado, Raquel Melo enfatiza a vontade de escutar os/as outros/as, e o clima de confiança e acolhimento da roda: “O momento da partilha, em que a ânsia na leitura é grande, talvez, porque a minha ânsia de escutar as ressonâncias que ela causa, é ainda maior. O momento é libertador e sente-se que o medo que há cinco minutos podia existir, desaparece. Pelo conforto, confiança e grupo que se cria. Em tão pouco tempo queremos ficar ali, horas, sem contar o tempo que passa e sem medo da partilha.” Numa outra perspetiva, José Ribeiro foca a sua atenção no tipo de partilhas diferentes: “A experiência da roda foi interessante

em múltiplos aspetos: a narrativa emocionada de alguns participantes, as narrativas mais racionais, as narrativas mais espontâneas e até os estereótipos de carreira que todos nos reportamos em nossas conversas informais. Os comentários abriram campos em que senti que isto não poderia ter acabado ali. (...). Senti que foi um raro e estimulante encontro entre gerações em torno de uma experiência relevante na vida de todos – a carreira.” A mesma diversidade é mencionada por Joana Cruz, mas encontrando os pontos de contato e as aproximações na diferença: “No meu coração, ficou um registo nítido de um encontro (poderei chamá-lo intergeracional, interprofissional, interdisciplinar) que abraçou pessoas muito diferentes (...). Viam o mundo juntando o lado racional ao sensível, o afetivo ao estratégico, materializando o dom de ver o mundo [...] A necessidade de ter o corpo todo a ouvir, juntando a mente ao coração, a dor ao amor, a alma à razão, e expressando, depois, todo o sentir-pensar em palavras, ditas com carinho e muita generosidade. Muito diferentes foram as narrativas que ali ouvimos e, no entanto, parecia que alguns pontos nos uniam (...).” De igual modo, Valmor Scott Jr. fala dos pontos de encontro na partilha, considerando ainda que o espaço da oficina foi um lugar de ‘recetividade’ e de ‘acolhimento’: “... de modo dialógico fizeram emergir certezas, dúvidas e aprendizados sobre a trajetória de carreira, sendo apresentadas convergências e divergências”. A este propósito, a reflexão de Cecília Monção sublinha o formato circular da comunicação e partilha, colocando em evidência a ligação entre formato e efeitos das oficinas: “As cadeiras dispostas em proximidade q.b., constituiu uma mais-valia para todos e todas, concluo, pelas glosas de cada participante no término de cada ronda de comentários à sua exposição/leitura. Comentários estes privilegiando as ressonâncias sentidas numa postura de escuta respeitosa, fator primordial de cumprimento do protocolo exposto previamente, e cumprido. Este trabalho de grupo qualitativo evidenciou as condições para que a ação inicial de formação, ou seja, a exposição biográfica individual, produza efeitos de transformação e de ação cívica.”

Efeitos do trabalho de grupo sobre os temas

Por fim, a questão dos efeitos do trabalho de grupo no tratamento dos temas abordados foi sublinhada em todos os testemunhos. Joana Freitas referiu o efeito de “acompanhamento”, Raquel Melo os “Efeitos além do círculo”, dizendo que “As ressonâncias desta oficina biográfica reverberam além do próprio momento”, concluindo que “Esse, no meu entendimento, é o aspeto transformador desta oficina.” Liliana Alves focou o efeito de aprofundamento da compreensão e concretização dessa compreensão do tema em pauta pelo trabalho em grupo, Letícia Simões sublinhou a consequência quase imediata no re-perspectivar o seu tema de investigação, e José Ribeiro manifestou vontade de continuar a roda após o tempo da oficina: “Uma terceira volta poderia dar campo a uma reflexão sobre o que foi dito – análise e sistematização da informação. Fiquei com vontade de continuar a roda de conversa. (...)”. No mesmo sentido, Joana Cruz quis continuar com uma sensação de esperança: “...foi uma das coisas mais palpáveis que me acompanhou nos dias que se seguiram àquela sessão: a de me centrar no que me é verdadeiramente importante, e saber que sim, valerá a pena. Ali, naquela tarde, houve o espaço e o tempo para sentir o poder, o nosso poder de transformar. “Sendo o contexto tão adverso ainda é mais importante saber o que me move”, dizia-nos Lechner. E essa foi a pergunta que esteve inerente a todo o processo: o que nos move? Como reconhecer o que nos move para o podermos abraçar e tomar essa direção? Ali era o espaço para o recuperar e recordar, com a ajuda e testemunho de outras pessoas no processo, numa verdadeira troca. Ali ninguém só deu ou só recebeu, porque o próprio método, a sua simplicidade e linearidade, leva a uma ordem afetiva e democrática, geradora de sentido e de sentir. (...). Este foi um encontro-clamor por forças maiores, que nos possam suster nesta procura pelo ser que fomos chamados a ser/cumprir, na humildade de saber que é preciso paciência e persistência para cozer as linhas que se tecem numa estrutura social que pouco cede, e redescobrir o nosso poder. (...) Ali, naquela tarde, houve o espaço e o tempo para sentir o poder, o nosso poder de transformar.” Estas

considerações parecem-nos potentes, mostrando que há participantes que sentem o efeito de empoderamento da experiência das oficinas e de solidariedade. O testemunho de Raquel Melo fala mesmo em “Afetos, subjetividade e círculo”, dizendo: “[...] Criamos círculo, seguido de um vazio, de um silêncio necessário que se compõe à chegada de cada um, de olhares curiosos, de silêncios iniciais, de perguntas que se levam, que se trazem, que se criam. Devemos estar prontos a questionar(-nos). [...] No círculo, deu-se um encontro profundo e a certeza de que o conhecimento se adquire através das pessoas e oportunidades que encontramos ao longo do nosso percurso, e é por isso que, partindo das características do contexto e das pessoas, conseguimos sempre criar e desenvolver novas dinâmicas que se refletem em melhorias nas nossas vidas, tanto a nível individual como coletivo. Não foi a primeira vez que me encontrava num destes círculos desafiados, mediados e facilitados pela professora Elsa Lechner, mas fisicamente, após estes anos de contingência que nos desafiava aos modelos online, sim. É claro, não é a mesma coisa ouvir falar, ler sobre e fazer a experiência, nem tão pouco perceber o impacto e poder que o momento em si tem. Por isso, é quase ingrato tentar descrevê-lo apenas na escrita a partir do momento que a oficina são “Rostos”, são “Vozes” e são “silêncios”, sons neste caso. [...] Lembrei-me, (...) Porque levamos tão pouco em consideração estes códigos e memórias nas nossas carreiras, e principalmente, na investigação? Se é esse mundo que nos interessa e nos é querido que “nutre” a nossas formações? A nossa vida, a nossa subjetividade. Da oficina levo a necessidade e importância de falarmos de afetos, de emoções, de humanos, de humanização na academia. É necessário falar de que não preciso de ter um currículo infindo, nem ficar preso a uma máquina do tempo porque a academia e os fundos necessários a ela, se confundem com uma produção em série. Esta oficina, que a professora Elsa CO-CONSTROI, permitiu encontrar-me, no fundo, nestes desencontros que cada um partilha. [...] Vi círculo, círculo, círculo e à medida que em grupo nos íamos formando enquanto tal, entre um tempo que parecia escasso para tamanha partilha, ia-me apercebendo como a academia precisa desses

círculos, de abrir o círculo. [...] Agradeço a todos e todas que compuseram esses círculos porque me permitiram mudar o rumo do meu pensamento, encontrar-me, ganhar confiança, transformar-me e sonhar. (...)”. Este balanço tão enriquecedor de Raquel, está resumido numa expressão sugerida por Valmor Scott Jr., “Um lugar de recetividade”, desenvolvendo depois a ideia de que “Num primeiro momento, a grande maioria [dos participantes] apontou resistências (...) no percurso académico/investigador, sendo recorrentes palavras como “sobrevivência” e “realização”, apresentadas com certa frustração pelo distanciamento entre ambos os aspetos, dentro de um padrão de normalização, historicamente construído, sobre a carreira. Contudo, também, foram relatados movimentos de busca por esta aproximação entre sobrevivência e realização profissional, de modo que cada trajetória é única e merece ser considerada em sua singularidade. [...]. A oficina permitiu “visitar” carreiras de outros oficineiros e aprender sobre carreira associada a paixão, equilíbrio, estratégias, tempo, de modo a superar resistências e encontrar lugares de recetividade, de acordo com nossa identidade profissional, construída ao longo da carreira (iniciantes, no mestrado e, veteranos, no doutoramento, professores e investigadores presentes), sendo que coletivamente, creio que todos os oficineiros revisitaram suas trajetórias, firmaram alguns caminhos e refletiram sobre suas escolhas profissionais e o modo de conduzir a carreira, sendo este, para mim, um grande aprendizado pessoal/profissional trazido pela Oficina”. Cecília Monção identificou nas narrativas individuais projetadas no grupo, os contextos históricos, políticos, sociais, entre outros, que condicionam ou inspiram. E conclui em modo muito generoso sobre os efeitos do trabalho sobre o tema: “[...] O que muda? Tudo. (...) Desta Oficina, germinam ideias e uma aprendizagem imensurável. O meu profundo e sentido agradecimento.”

Notas finais

Nesta brevíssima apresentação do método das oficinas seguida de excertos de testemunhos de participantes para analisar especificamente a experiência

da escrita autobiográfica, da partilha em grupo e os efeitos sobre os temas tratados, quisemos sublinhar as virtudes do trabalho biográfico grupal no contexto académico e científico. Fica clara a sua natureza interdisciplinar e múltipla utilidade como instrumento de investigação, de formação e de potencial ação cívica, com efeitos imediatos e à posteriori. Tais efeitos são particularmente relevantes hoje, e foram testemunhados pelos/as oficineiros/as como sendo necessários à formação académica, científica e cidadã, deixando vontade de fazer mais oficinas, desejo esse que muitas vezes é manifestado por participantes de outras oficinas, também.

Sendo as ciências sociais e as humanidades em geral vocacionadas para a análise e compreensão das experiências humanas, é de esperar que os instrumentos teóricos e metodológicos participativos sejam valorizados do ponto de vista metodológico, mas também teórico e epistemológico. A nossa já longa experiência nesta área mostra reiteradamente como, tanto o biográfico, como o trabalho narrativo em grupo, favorecem a pesquisa e a formação, podendo ser utilizados para agir diretamente na vida cidadã e comunitária. Ambos acrescentam aos percursos académicos e científicos, competências relacionais, de comunicação, de relação ao Outro e a si mesmo, absolutamente fundamentais se quisermos ser coerentes com valores de justiça social, de responsabilidade cívica, consciência biopolítica, de uma cultura da hospitalidade e da solidariedade, num mundo marcado por brutais conflitos, desigualdades estruturais e mesmo ameaças à sustentabilidade do planeta e à Humanidade. E precisamente porque o trabalho biográfico em grupo forma e transforma, ele adquire um potencial de ação cívica que está na origem do seu formato e princípio, como dito.

Falamos, sim, pois também de consciência, num sentido lato e coletivo (de sabedoria, como lhe chama Pineau e uma das oficineiras no seu testemunho), interessado em caminhar as palavras que proferimos sobre o fazer ciência, produzir conhecimento crítico, educar e formar para uma ciência com consciência, aquém e além dos estatutos e poderes instituídos. Tanto os programas curriculares das graduações como das pós-graduações em ciências sociais e educação em Portugal, na

verdade, carecem de conteúdos curriculares específicos aos estudos biográficos. Esperamos que este singelo texto ajude a colmatar essa falta e que contribua para o justo reconhecimento da especialidade por inteiro. Da mesma maneira, o próprio método das oficinas constitui um instrumento precioso de trabalho, tanto para a investigação como para a formação nestas áreas. A nossa experiência como facilitadora destes grupos de trabalho e como dinamizadora das rodas aplicando o nosso próprio protocolo adaptado, bem como os testemunhos destes(as) e de outros(as) oficinairos que refletiram posteriormente sobre a experiência das oficinas biográficas, apontam para isso mesmo: uma aplicação prática de um método participativo e humanizado que acolhe e reconhece cada experiência confiada ao grupo. Nestes contextos, cada participante vivencia e dá conta desses efeitos formadores, transformadores e de potencial ação cívica das oficinas.

Referências bibliográficas

- Barbier, R. (2019). "Écoute sensible". In C. Delory-Momberger (Ed.). *Vocabulaire des Histoires de Vie et de la Recherche Biographique*. Érès. Pp. 329-332.
- Denzin, N. (2009). *Qualitative Inquiry under Fire. Towards a New Paradigm Dialogue*. Routledge.
- Ferrarotti, F. (1981). "On the Autonomy of the Biographical Method". In Daniel Bertaux (Ed.). *Biography and Society. The Life History approach in the social sciences*. Sage.
- Goody, J. (2000). *The Power of the Written Tradition*. Smithsonian Institution Press.
- Goulemot, J.M. (1990). "As práticas literárias ou a publicidade do privado". In Philippe Ariès & Georges Duby (Eds.) *História da Vida Privada*, vol. 3, pp. 371-405.
- Havelock, E. (1988). *The Muse Learns to Write. Reflections on Orality and Literacy from Antiquity to the Present*. Yale University Press.
- Jesus, C.M. (1960) [2020]. *Quarto de Despejo. Diário de uma favelada*. VSEditor.
- Josso, MC. (2003). Seminário *Histórias de vida e narrativas biográficas*. Mestrado em Pedagogia Percetiva. Universidade Moderna de Lisboa.
- Lecerle, J.J. (1996). *La Violence du Langage*. PUF.
- Lechner, E. (2012). "Oficinas de trabalho biográfico: pesquisa, pedagogia e ecologia de saberes", *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, 37, 1, 71-87.
- Lechner, E. (2023). Dimensões coletivas do trabalho biográfico como pesquisa-formação. Oficinas biográficas em foco. *Revista Linhas Críticas*, 29, e47346. <http://doi.org/10.26512/lc29202347346>.
- Leray, C. & Hamey-Warou F. (2014). *L'Arbre à Palabres et à Récits. De l'Afrique au Brésil en passant par la Bretagne*. L'Harmattan.
- Mead, G.H. (1934). *L'esprit, le soi et la société*. PUF.
- Morin, E. (1980). *La méthode 2. La vie de la vie*. Le Seuil.
- Oliveira, V. (2011). "Formação docente e dispositivo grupal: aprendizagens e significações imaginárias no espaço biográfico". *Educação*, vol. 34, núm. 2, maio-agosto, 2011, pp. 180-188, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Pineau, G. & Marie-Michèle. (1983). *Produire sa vie : autoformation et autobiographie*. Éditions Saint-Martin/Éditions Edilig.
- Pineau, G. (1996). "Les histoires de vie comme art formateur de l'existence". *Pratiques de formation*, 31, pp. 65-80.
- Pineau, G. (2019). « Autoformation ». In Delory-Momberger C. (Ed.), *Vocabulaire des Histoires de vie et de la Recherche Biographique*. Érès. pp. 193-197.
- Ricoeur, P. (1983). *Temps et récits I*. Le Seuil.
- Rugira, JM. (2004). « Séminaire de recherche-formation : oralité et pratiques dialogiques en formation d'adultes ». Université de Paris 8.
- Thomas, W. & Znaniecki F. (1918-1920) [1996]. *The Polish Peasant in Europe and America*. University of Illinois Press.
- Villers, G. (1996). « L'approche biographique au carrefour de la formation des adultes, de la recherche et de l'intervention. Le récit de vie comme approche de recherche-formation ». In D. Desmarais & J-M. Pilon (Eds), *Pratiques des histoires de vie*. L'Harmattan, pp. 107-134.

Elsa Lechner. Doutorada em antropologia social pela EHESS (Paris, 2003) e licenciada em sociologia pelo ISCTE (1995). É investigadora do CES-UC desde 2009, foi Fulbright Visiting Scholar nas universidades de Brown e Rutgers-Newark. Desenvolve atividades de investigação e de docência na área da pesquisa biográfica e estudos migratórios. elsalechner@ces.uc.pt Ciência ID 5713-5253-8C21. ORCID: 0000-0002-5029-1243

Artigo recebido no âmbito da chamada aberta que decorreu até 31 de maio de 2023. Aprovado para publicação a 11 de setembro de 2023.